

Jovens Criadores 2002

Literatura

Conto

A linha do coração

Diana Almeida

Maria

Manhã pardacenta, riscada por uma chuva miúda, alfinetes no céu, contra os vidros do carro. O movimento abrindo por si só novas paisagens, filme sobre telão frente aos olhos. Sara é tomada por uma exultação singular, ao lado do irmão que conduz.

— Estamos tão grandes, mano.

André funga mais uma vez, resignado.

— Vê lá a placa da próxima saída!

— Fátima, Batalha.

— Nunca acerto com isto — acende um cigarro.

— A Maria vai ficar tão contente.

— Já.

— Já foste lá alguma vez?

— Não.

— Pareceu-me óptimo. As pessoas são simpáticas, o espaço porreiro — olha o irmão, compenetrado.

— Pois.

— E é muito melhor para ela. Está mais acompanhada, fazem-lhe comida. A irmã já estava a ficar preocupada por ela estar sozinha em casa. Ela vai gostar de nos ver.

— Ouve lá, o que é que vão fazer à casa?

— Parece que a irmã a quer vender. Também não tem jeito nenhum uma casa assim fechada. Ainda por cima com a mobília toda lá dentro.

— Olha, acho que é esta a saída. Tens dinheiro para a portagem?

— Sim — Sara apressa-se a tirar a carteira. — Se quiseres dinheiro para a gasolina...

— Boa tarde — estende o cartão. — Deixa, tá-se bem — encara a irmã com um sorriso.

— Estás com fome?

— Até comia uma cena.

— Vamos ao supermercado, há um aqui ao pé do jardim. Podes estacionar ali ao fundo.

— Ainda bem que não há arrumas.

— São estas as doces vantagens das cidades pequenas.

— Os drogados fora da via pública, os velhos e os loucos encarcerados, etc., etc.

- Bem, que dramalhão!
- Apeteceu-me dizer isto.
- Tá.

Breve ida ao supermercado, dirigem-se para o jardim. Árvores ladeando canteiros, passeantes de fim de semana, os velhos do costume nos bancos.

- Queres uma batata frita?
 - Já abriste o pacote?
 - Não consegui resistir. Vamos procurar um banco?
 - Este jardim é fixe. Olha, está ali um, debaixo daquela árvore.
 - É um plátano.
 - Ah.
 - Eu posso fazer as sandes, põe aqui o saco de plástico no meio.
 - Só faltava a toalhinha.
 - Queres a tua com quê?
 - Fiambre e queijo.
 - O pão ainda está quentinho. Há quanto tempo é que não vês a Maria?
 - Não estou com ela desde o Natal.
 - O Natal?
 - Sim, quando ela foi lá a Lisboa, há bué.
 - Para aí há um ano e meio. Olha que bom! E eu sempre a dizer-te para virmos cá acima. Também não é assim tão longe, bolas! Podíamos vir cá mais vezes os dois, perde-se um dia.
 - Tenho tido exames. E o trabalho são mais do que quatro horas, com idas e vindas, a 2ª Circular sempre cheia, tás a ver?
 - Como é que está a correr o trabalho?
 - Bem.
 - E o que é que tens feito?
 - Ando p'ra lá.
 - Tá bem, mas a fazer o quê?
- Entreolham-se e soltam uma risada nervosa.
- A gerir a rede.
 - Sim?

- Ligo os computadores em rede, instalo programas...
- Ah! E estás a gostar?
- Mais ou menos.
- Ah — Sara olha em volta, recosta-se no banco e suspira. — Estas batatas fritas são fixes.

Terminada a merenda, seguem caminho.

- Agora controlas a rotunda.
- Controlas?
- A rotunda ali à frente, depois destes prédios.
- Controlas?
- Estava a brincar.
- Ah, bom!
- Até parece.
- Às vezes...

Risos.

- Outra rotunda.
- A filosofia urbanística do futuro.
- Qual é a cidade que tem mais? Acho que alguém comentou isso comigo, não sei quando.
- Beja tem bué.
- E Viseu?
- Agora?
- Ah, desculpa. Corta na primeira... não, na segunda à direita. Isso. Deixa passar aquele carro, cuidado. Agora, sobe. É ali mais à frente.

Estacionam o carro e entram para uma vivenda verde, de dois andares.

- Da outra vez, ela estava na sala.
- Então e entra-se assim, sem mais nem menos?
- Não está ninguém à porta.
- Então e se for um *serial-killer* de velhinhas?
- Cala-te.
- Pronto. É isto a sala de estar?

- Sim. Da outra vez, ela estava a ver televisão, lá ao fundo.
- Tanta gente. Parecem múmias!
- Fala mais baixo.
- Olha, lá está ela — André aponta para um grupo de mulheres frente à janela, ao canto. Estão sentadas em cadeiras de plástico e olham em frente, rostos fechados e taciturnos, vazios de expressão.
- Olá, Maria!
- Então, Maria?
- Olha, são vocês!
- Dá cá um beijinho.
- Olha, a Sara.
- Maria...
- O André.
- Estás boa, Maria?
- O meu menino.
- Traz uma cadeira para nos sentarmos, André.
- Sim.
- Está a ver, dona Júlia? Estes são os meninos que eu criei.
- Porque é que estás a gritar?
- Ela é surda.
- Toma, Sara, trouxe uma para ti.
- Obrigada — virando-se para a velha. — E então, diz-me lá o que é que tens andado a fazer? Estás um bocadinho mais gorda, não estás?
- As roupas estão a ficar apertadas — sorriso esconso.
- Pára quieto com o pé, André. Enervas-me a bater assim contra a minha cadeira.
- Pronto, menina Sara.
- E os vossos pais?
- Mandaram beijinhos.
- Eles hão-de cá vir, Maria.
- E tu, André, o que é que estás a fazer?
- Ele já está a trabalhar, sabes?
- Ai, sim?

- Estou numa empresa, a montar computadores.
- Então e os teus estudos?
- Tenho tido uns exames.
- A minha avó e a minha tia também mandaram beijinhos.
- Elas estão boas?
- Sim, mandam beijinhos.
- E o que é que tu fazes durante o dia, Maria?
- Ando por aqui.
- Mas tu agora andas com essa coisa, é?
- É um andarilho. Não vês que é para ela não cair?
- Ah!
- Ó, Maria, e a tua amiga que da outra vez estava aqui sentada?
- A dona Antónia?
- Sei lá, aquela que dorme contigo no quarto.
- Ai, está muito mal.
- Então?
- Teve um ataque.
- Um AVC?
- Teve um ataque. Está muito mal, lá em cima.
- Coitada!
- Não a deixam descer.
- Não a deixam descer?
- Está amarrada à cama.
- Amarrada?
- Eu até já fui fazer queixa e tudo.
- Não estou a perceber nada.
- Fui ao consultório no dia em que a médica atende — pomposa, — para explicar o caso.
- Mas quem é que a amarrou?
- As empregadas — olha em volta.
- Como as empregadas?
- São elas, que eu bem as vejo.

— Ó, Maria, isso é para ela não cair.

— Não deve ter força nos músculos — acrescenta André, benevolente, e remete-se ao silêncio.

— Amarram-na à cama — deixando escapar um soluço, — nem fazer as necessidades pode.

— Mas ela não tem uma fralda?

— Eu antes de ontem nem descí o dia todo.

— Não desceste...

— Fiquei o dia todo lá em cima.

— Mas porquê?

— Não está certo, amarrarem a criatura à cama. Nem se pode mexer, sempre ali sozinha o dia todo. Eu disse: se ela não pode descer, eu também não desço — os lábios protuberantes da velha esticam-se num beicinho grotesco

— Afinal foste fazer queixa à médica, ou ficaste lá em cima? Não estou a perceber nada.

— Deixa-a, Sara.

— Não... não está certo — assustada, o pingo a cair do narigão disforme. — Ela nem consegue respirar, assim amarrada.

— Pronto, Maria, não fiques assim.

A velha parece ter-se agora entregue ao embalo ritmado dos soluços que lhe distorcem o rosto num esgar.

— Acaba lá com isso — Sara, espantada com o timbre seco da própria voz.

Então a velha solta um espirro forte, leva a mão ao nariz para aparar o estrondo, os dedos deixam sair um ranho transparente, choraminga.

— Ai, ai!

— Tens um lenço?

— Não sei... — apanha a mala.

André ergue-se e vai para junto da velha, faz-lhe festas nos cabelos ralos e despenteados. Sara apressa-se a limpar-lhe a mão, mas detém a meio o gesto percorrida por um arrepio, passa o lenço ao irmão, num desvio só por ela suspeitado.

— Ai, ai!

As narinas da velha abrem-se em espasmos, enquanto puxa o ar às golfadas. Ao lado, as outras velhas seguem com atenção o drama.

— Quando a gente éramos novos, não precisávamos de ninguém, agora que somos velhos precisamos de toda a gente — sentencia, num fio de voz entrecortado por suspiros.

— Nós estamos aqui contigo, Maria — ouve-se dizer Sara em jeito de consolo, e de novo se espanta por tão rápido desvio do coração.

— Não tenhas medo.

— Os meus meninos, os meus meninos. Dantes eram vocês que vinham para o meu divã, quando tinham sonhos maus à noite, agora...

Olham-se os três, procurando sorrir. Sara guarda as lágrimas, abrindo muito os olhos não se chora, um segredo da infância.

— Então e a Rosalina? — solta André em tom jovial.

— Quem?

— A tua irmã, a Rosalina.

— Ah, a Rosalina! A Rosalina anda apanhada de uma perna, mal consegue andar, coitada!

— Coitada — repete André, diligente.

Sara remete-se a um mutismo alheado. A conversa prossegue, coxa, entre repetições e atalhos, com visível prazer da velha. Cedo se esgotam as novidades. Dias trancados sobre dias trancados, contra a morte que corre violenta, dias trancados sobre dias trancados contra a morte acesa, dúctil. A morte galopando na cabeça, estendendo finos liames tentadores, doce morte veloz sempre ao meu lado.

— E tens dormido bem, Maria?

— Às vezes, às vezes...

— O que é que a médica diz?

— Sei lá, diz que é da idade, que vou ter depois muito tempo para dormir.

— Então, mas não te dá nada para...

— Nada.

— Ah!

— Há dias em que nem prego olho. A dona Antónia até dizia, “Ó menina Maria, não sei como é que consegue ter-se de pé”.

— Mas depois não dormes uma sesta?

— Estou para aqui entretida.

— A fazer?

- Olha, sento-me aqui, na conversa.
 - Mas não fazes nada?
 - Atão, estou aqui sentada.
 - Tu antes até fazias umas rendas...
 - Os meus olhos já não estão bons para isso.
 - E os óculos?
 - Parece que não vejo nada com eles...
 - Tens de ir ao médico.
 - Os médicos já não fazem nada. Estou velha, pronto.
 - Ainda hás-de durar muito tempo, Maria — Sara mentindo.
 - Da próxima vez, vimos cá com os nossos pais, está bem?
 - Já se vão embora?
 - Pois.
 - Faz-se tarde.
 - A ver se não apanhamos muito trânsito.
 - Vão devagarinho.
 - Não te preocupes.
 - Dá cá um beijinho — Sara, apertando contra o seu o rosto rugoso da velha.
 - Porta-te bem, ouviste? — André, chamando o humor em seu resgate.
 - Os meus meninos... os meus meninos — repete a velha enquanto os vê afastarem-se pelo corredor, dizendo adeus.
- Entram no carro em silêncio, entreolham-se.
- Então?
 - Estou cansada.
 - Pois.
 - Importas-te que durma um bocado?

Helena

Helena alisa a saia, aperta a mão da menina para a guardar do perigo da relva, não vá sujar-se já, enquanto esperam. Tira da sacola um boneco e senta-se com cuidado num banco, canta-lhe de mansinho:

Menina bonita

não sobe à janela

porque o bicho mau

carrega com ela.

Não sobe à janela

não sobe à varanda

porque está lá posta

uma fita de ganga.

Consulta, furtiva, o relógio de ouro falso a brilhar no pulso, pensando espantar a espera se o movimento for demasiado abrupto, quem sabe. Junta as pernas e olha em volta: passam dois meninos engomados, os cabelos ainda húmidos, e colhem uma flor do canteiro; mais acima, três velhos trocam cartas com vagares ensaiados à roda de uma mesa.

Daquele canto do jardim avista-se o rio ao fundo, despontando claro entre o casario, no seu pedestal imenso a estátua de um rei parece suspensa no ar, roçando as fileiras dos telhados. Voltejam no céu as primeiras andorinhas, soltando guinchos, ao longe os sinos dobram os foguetes. O jardim carrega uma imensa solidão naquele domingo pela manhã. Helena ajeita agora com doçura um caracol da menina e, esquecendo por instantes ao que veio, prossegue a ordenada contemplação da cidade.

As nuvens levantam as saias do rio, desenhando a pincel fino o cume dos montes redondos: é uma cortina que sobe devagar e deixa aparecer as casas, as estradas que retalham a mancha esverdeada da paisagem. Parece um pulo, daqui ao outro lado, as águas rebrilham como palco, convidam ao desfile — o pé ligeiro. Molhando apenas a ponta dos dedos nos salpicos do vento, cruza-se com graça o rio. A menina vai à frente, a rir, Helena guarda os seus trémulos passos, parece que dança. Por baixo os peixes tecem riscos de prata, está perto o céu, pintado no azul forte das estampas.

Outro sorriso lhe abre agora o rosto ao dar por um homem que avança até si, fazendo palrar a gravilha miúda sob os sapatos gastos. Avança o homem, ajeita o casaco aos ombros magros, como se grande peso carregasse, ou os rigores do tempo a isso o

obrigassem. Ela espera em suspenso, alisa uma ruga da saia. Lembra como ele uma vez a repreendeu por causa da saia, encostou-a à parede, e no fim, a saia toda amarrotada.

— Podias ter esperado no café.

Quebram-lhe estas palavras o corpo como mola, não acaba o gesto começado e cai por terra, que é como quem diz volta a sentar-se, de coração apertado. Nem parece notar o homem, que prossegue em tom notarial:

— Desculpa o atraso, estão aqui há muito tempo? — com um menear seco de pescoço, designa a criança que brinca ao lado.

A mulher parece não ter ouvido. Queda-se em silêncio por instantes, engole numa golfada o ar, olha o relógio, meneando o pulso. Helena respira: como chamar para nós o amor?

— Vem dar um beijinho ao pai, Mónica — ordena num fio denso de voz, será o orgulho a última arma perdida.

A menina fala com a palmeira, num murmúrio de palavras e guinchos, pára de gesticular ao som da voz da mãe, mostrando assim que a ouviu, mas não se volta.

— Mónica Isabel — insiste Helena, peremptória, fortalecida pelo assomo de autoridade que a enfuna, malcriadices é que não.

Sendo as ordens para se cumprir, para mais repetidas sem serem ditas, a criança aproxima-se do banco, cabisbaixa. Estica o homem o pescoço, para receber o beijo, poussa-lhe uma mão breve sobre os cabelos.

— Estás tão grande!

Depois trocam-se as frases do costume. Conta Helena as mudanças da semana, distrai-o com alguma graça da criança, quer saber novidades, nunca as havendo, recebe o envelope. São entretanto horas de almoço, a menina está cheinha de fome.

Ao cimo das escadas consegue vê-las. A criança, entretida junto à palmeira, parece cantarolar em surdina, a boca entreaberta. A mulher está sentada à beira do banco, para não amarrotar a saia, quer-se bonita, quem sabe se hoje... corta rente a ironia, amaldiçoa-se por assim brincar. Rabo de saias. Quem haveria de dizer que um tal rabo o atraísse, diga-se tal saia, porque o rabo, despidos os trapos da moda, não era de deitar fora, fazia-se bem à mão. Misteriosos caminhos estes do animal iluminado. Sentiu-se com repulsa intumescer, ante a fragmentada evocação daquela nudez. Assim acontecera da primeira vez na loja, quando o abordara com um recorte de revista na mão, a perguntar por um CD. Conversa puxa conversa.

Avança a direito, incomoda-o a gravilha nos pés, ardem-lhe os olhos ao sol forte, lateja-lhe a cabeça do álcool mal dormido. Helena arremessa um sorriso, já o viu, compõe a

saia, quer-se impecável para a reconquista, se é que o prefixo se poderia aqui aplicar com propriedade. Aquele zelo irrita-o, desperta nele a crueldade:

— Podias ter esperado no café.

A mulher parece que vai ter um baque. Ele amaldiçoa-se mal ouve o tom da sua voz, assertivo e seco como um burguês que vai às putas. Recriminações feitas, procura em si fonte de bondade, alento para tanto. Deixa antes crescer o tempo em infinito fragor. E quando fala, soa-lhe a própria voz estaladiça e formal.

— Desculpa o atraso, estão aqui há muito tempo? — observa a filha que brinca ali ao lado, como que alheada.

No silêncio volta a memória aos atropelos. Os esparsos encontros em camas baratas ao final do dia, quando ela aparecia na loja, quase à hora de fechar, com um recorte de revista na mão, o papel lustroso e carregado. A dada altura as visitas tornaram-se esparsas, seguiram-se meses de esquecimento; o episódio acabou por ser encerrado na gaveta dos casos de final aberto. Quando volta a aparecer está mais cheia de corpo, parecem balões as mamas. Não retomaram o roteiro das pensões.

— Vem dar um beijinho ao pai, Mónica.

A criança está-se nas tintas, é evidente. Parou a sua cantilena mas não os encara. E ela insiste, de súbito ríspida, zelosa da boa educação, mães assim já nem se fazem.

— Mónica Isabel.

Então, ao ver a filha tão terna contra o muro de regras que a circundam, mínima torre de desejo e escolha, toma-o uma tontura sem fundo. Eis a carne da minha carne, sangue do meu sangue que me rasga. Este é o meu corpo que até mim avança, os olhos dos meus olhos para mim voltados. Treme destas palavras repetidas. Inclina o rosto, para receber o beijo, sobre a cabeça pouso-lhe mão grave.

— Estás tão grande!

Ao som da sua boca, o tempo pára de girar. Ouvindo-se repetir este pregão, compreende, incrédulo, que jamais poderá cruzar o espaço entre o que espera e aquilo que percebe. A criança afasta-se.

Depois, é a vez de Helena. Trocam-se as frases do costume. Comunica-lhe as mudanças da semana, distrai-o com alguma graça da menina, pede contas, nunca as havendo a prestar, recebe o envelope. São entretanto horas de almoço, para a semana há mais.

A carta

Dia borboleteante: sempre o mesmo no escritório, mercearias, roupa a lavar, sopa para a semana, cera. O António está sentado no sofá a ler, alheado, enquanto a pequena fada do lar ultima os gestos de ordem. Continuará a ser esta uma razão de decadência entre os povos e nações, o fundilho da intimidade do casal moderno (pós). Curioso como tão elevado, nobre sentimento pode ser corrompido por meia dúzia de pratos sujos. Siga.

Hoje as mãos pareciam-me querer fugir, cortei-me fundo ao descascar batatas, bati vezes sem conta contra esquinas (momentos antes invisíveis, inexistentes, como se de repente o mundo se cobrisse de saliências aguerridas). A carta voltejando-me frente aos olhos, bordejada de fórmulas e provérbios, *voz do povo, voz de Deus*, frases quase ilegíveis, caligrafia que treme, letras em falha, a sintaxe estrebuchando. A carta persegue, ainda assim, o seu sentido, velha víbora retorcendo-se ao sol.

O peso do amor. Sobre os braços, vergando os olhos. Estas são as heranças do sangue que te curvam pelo medo, no seu pudor arreigado. Lança o sangue a família dentro. Despertam das molduras enquanto jovens, singram pelos dias, enfunados, apertam-nos contra si na recordação do baptismo, sorriem frente ao bacalhau nos natais antigos, um a um. Surgem de súbito terríveis, tremendos, cedendo insidiosos conselhos e lições. Como deixar de amar quem nos consome, cancelando para sempre sua espera?

Ó geração desafortunada, no deserto de família e bens. Outras tantas serão urdidas por minuciosa teia, dobrados seus gestos em perfeitas, preenchidas respostas repetindo técnicas ancestrais, fazendo perdurar o segredo da dobra do lençol, em envelope — assim se faz uma cama, desde os tempos de bonecas. Precioso dom, seguindo de mãe em mão, discretíssima linhagem.

Enquanto deito o detergente sobre a esponja, passo por água os pratos, deixo deslizar um copo contra a pedra porosa do lava-loiças, repito a carta. Parecia a avó ter escolhido as palavras de mágoa, “tens dado tantas alegrias à família, mas”, conhecedora de adversativas temíveis, furando a linha do coração.

Enquanto lavo a louça rio, soletro o nome do concurso televisivo no qual a família me aconselha a tentar a sorte. “Olha aquela menina; vê lá, tão pequenina, não gostavas de estar tu ali?” Desde a Gala dos Pequenos Cantores que me persegue tal sina, o orgulho adiado de poder ser outra. “Era uma grande alegria que me davas”, persistia a avó, recostada no cadeirão de braços. A jovem artista retorcia-se em esgares para ela

inventados, num fatinho de lantejoulas, gania a última, a mais aguda nota em falsete, dobrava-se em larga vénia, recolhendo aplausos. “Tu tinhas vergonha, não era?”

Agora a Páscoa é servida no Caçador. Reserva-se a melhor mesa, “Escolhe-se o filete de pescada que as doses vêm bem servidas”, trocam-se ditos graciosos entre os silêncios longos, arranham-se doenças, os tiques e medos ampliados. Cresceram as crianças e a família envelhece, desamparada. “Então e *tu*, quando é tens um menino?”, zunem as tias em coro, ecoando a avó. Sonham rendas e corpinhos rosados, distrações, troféus. “Eu?” Crescemos nesta linha ambígua entre a memória e o espanto. Protagonistas de histórias imensas outrora, somos agora personagens em suspenso, resguardadas no silêncio e na distância, misteriosas aparições nas festas religiosas, honradas com insistência pela família em roda de mesa farta. Seríamos adultos já, escolhemos porém máscaras que lhes são estranhas. Como reconhecer a menina do vestido de folhos de tranças de bibe nesta figura esguia que se esquiva a explicações e respostas? Esperando encontrar-se em nós, versões modernas embora, recusam-se a conceber aquilo em que nos tornámos. Trilhássemos, ao menos, os caminhos que a natureza nos destina, nossos ventres floridos, Amen. Persistimos apenas em crescer, longe do seu alcance.

A carta letal esvoaça frente aos olhos, interpõe-se entre as mãos e o espaço. Assalta-me, então, uma história. Era uma vez a Ana que enterrou um feijão mágico no quintal, ao outro dia quando acordou, viu que crescia ali um gigantesco pé de feijão que tinha o tronco da largura de um homem e subia direito até às nuvens. A Ana era curiosa e decidiu trepar por ali acima, para saber onde ia dar aquela escada de folhagem. Subiu até ao último degrau verde, poisou o pé com cuidado na nuvem e avançou uns passos. À sua volta tudo era branco, a luz moldava formas pela vastíssima extensão que se abria aos olhos. E a Ana deixou-se estar assim muito tempo, sozinha dentro de a nuvem.

A chaleira apita para o chá. A Ana desce da nuvem, fiapos brancos enredados nos cabelos, desce saltando pelos ares, e as suas mãos abrem, ágeis, os frascos alinhados na prateleira junto ao fogão: calêndula, tussilagem, alecrim. Fundem-se corpos e gestos, voa a Ana das nuvens para mim, junto ao fogão, escolhendo ervas. Cinge um segredo o peito, revela a luz novas faces às formas, contundente. E a carta cai ardendo em chamas.